

CLIPPING MIRANDA				 Miranda & Associados Sociedade de Advogados, SP, RL
MEIO	Jornal de Negócios			
Nº PAG.	3	DATA	14 de março de 2019	

DIOGO XAVIER DA CUNHA PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA MIRANDA

“Não há razão para duvidar da nova direção de Angola”

O advogado Diogo Xavier da Cunha, líder da Miranda & Associados, diz que os investidores estrangeiros mostram hoje “um interesse genuíno em Angola e no seu potencial”.

JOÃO MALTEZ
jmaltez@negocios.pt



Marilene Alves

O reforço da aposta nos mercados africanos, com uma nova parceria, agora no Senegal, é o mais recente passo da Miranda & Associados na consolidação do seu projeto internacional. Diogo Xavier da Cunha, presidente do conselho de administração desta sociedade de advogados, assegura que esta diversificação se tornou crucial “em anos que foram menos fáceis em al-

guns mercados de referência” para o seu escritório. Exemplo disso foram Angola e Moçambique, para cujas respetivas economias olha agora com mais confiança.

A Miranda tem uma nova parceria na África francófona, concretamente no Senegal. Por que razão apostaram neste mercado?

Estamos sempre atentos às necessidades dos clientes e às oportunidades que surgem. Os primeiros

indicadores relativamente ao Senegal são bastante animadores. É mais um mercado dentro da esfera da Miranda Alliance. O mercado internacional reconhece o nosso trabalho e isso permite-nos, por vezes, entrar em mercados menos óbvios.

Essa aposta nos mercados menos óbvios é para continuar?

Vai continuar de forma algo natural, em função da análise que formos fazendo. Este é um trabalho que

exige de todos nós imenso esforço. Temos sócios e associados que vão diversificando a sua atividade e que vão abraçando estes desafios. Tal tem sido fulcral para a diversificação da nossa atividade, o que se tornou crucial em anos que foram menos fáceis em alguns mercados de referência para a Miranda.

Como Angola?

Angola é um mercado absolutamente óbvio. Mas não podemos es-

CLIPPING MIRANDA			
MEIO	Jornal de Negócios		
Nº PAG.	3	DATA	14 de março de 2019

MIRANDA
Miranda & Associados Sociedade de Advogados, SP, RL

“Crescimento em Portugal foi de 20% em 2018”



O interesse [dos investidores em Angola] é a vários níveis. Não é só no setor do petróleo e do gás. Há também um ressurgimento forte do setor mineiro.

Projetos [de liquefação de gás] podem contribuir para multiplicar por 10 o Produto Interno Bruto de Moçambique no espaço de 10 a 15 anos.

quecer-nos de que, nos últimos anos, sofreu e sofreu muito com a baixa do preço do petróleo. Hoje está a tentar recuperar de uma crise profunda. Em Angola sentimos uma queda acentuada de atividade, especialmente do investimento em áreas que não a petrolífera.

Já houve mudanças?

Tem havido um influxo dessa tendência e os últimos meses têm sido bastante mais encorajadores.

De que forma olha para a abertura política do novo poder angolano?

Aquilo que vimos junto dos potenciais investidores é que há uma redobrada crença e um interesse genuíno em Angola e no seu potencial.

Por causa do petróleo?

O interesse não é só no setor do petróleo e do gás. Há também um ressurgimento forte do setor mineiro, e não apenas na área dos diamantes. Há muito interesse no país a vários níveis. Acho que não há razão alguma para se duvidar daquilo que tem sido dito e daquilo que é vontade da nova direção de Angola. Estamos todos muito expectantes. O primeiro mês deste ano foi francamente encorajador para a nossa atividade.

Há mais empresas portuguesas interessadas em Angola?

Algumas. Acho que neste momento, com o nível de atividade doméstica em Portugal, não há muita vontade de ir para fora.

Acompanha Moçambique há vários anos. De que forma foi o país afetado pela recente crise?

A economia de Moçambique também sofreu um pouco. Não tanto por causa da crise do petróleo, porque só ainda produz pequenas quantidades de gás, que exportada para a África do Sul. Sofreu especialmente por causa da dívida soberana e do travão dosadores internacionais na ajuda ao país, de quem depende ainda muito o orçamento moçambicano.

Quando é expectável que o país dê a volta ao problema?

Já há sinais interessantes. Moçambique está muito na expectativa do arranque dos projetos de liquefação de gás na província de Cabo Delgado.

Quando é que avançam esses projetos?

Tudo indica que vamos ter decisões finais de investimento internacional ainda no primeiro semestre deste ano. Pelo menos no projeto da chamada “Área 1”, que acompanhamos há quase 10 anos; e da “Área 4”, o outro bloco petrolífero, que também já tem um projeto aprovado.

De que volume de investimentos falamos?

Num caso e noutro estamos a falar de investimentos na ordem dos 20 mil milhões de dólares. Isto são projetos que podem contribuir para multiplicar por 10 o Produto Interno Bruto de Moçambique no espaço de 10 a 15 anos.

Falta resolver o problema da dívida.

Claro que está por resolver o problema da dívida soberana, ou seja, quem paga aos credores e quando. Houve um princípio de acordo, um bocadinho avançado nas futuras receitas do gás, mas não há um acordo firme a este respeito. Até porque há na sociedade moçambicana opiniões distintas sobre se se deve ou não pagar os empréstimos em causa.

Isso pode afastar investidores.

Sem dúvida, mas se essa tendência tiver o apoio do FMI, eventualmente terá consequências menos relevantes para o país. ■

Os mercados externos têm um peso importante na faturação da Miranda. Que percentagem dessa faturação representam?

Certamente mais de 60%.

No ano passado, de que forma evoluiu a atividade da Miranda em Portugal?

A estratégia colocada em prática pela Miranda em Portugal, que está a ser coordenada pelos sócios Alberto Galhardo Simões e Luís Oliveira, permitiu um crescimento de 20%. Portugal tornou-se um dos mercados em que fomos particularmente bem-sucedidos no ano passado.

Face às estimativas de crescimento da economia revistas em baixa, têm sentido apreensão por parte dos clientes/empresários relativamente ao exercício de 2019?

Os empresários ficam sempre apreensivos quando há sinais de que estamos a mudar de ciclo.

Estamos mesmo a assistir a uma mudança de ciclo?

Esperemos que não. Esperemos que seja só um pequeno arrefecimento e que não entremos outra vez num período crítico. Há alguma preocupação com as eventuais consequências do Brexit, especialmente se não for negociado, porque aí estaremos de facto perante o desconhecido.

Esperemos que não. Esperemos que seja só um pequeno arrefecimento e que não entremos outra vez num período crítico. Há alguma preocupação com as eventuais consequências do Brexit, especialmente se não for negociado, porque aí estaremos de facto perante o desconhecido.

Face aos mais recentes desenvolvimentos, o Brexit pode tornar-se, de facto, um problema...

Ninguém tem uma noção muito clara de quais são as potenciais consequências para o Reino Unido, bem como que tipo de contágio poderá causar na economia europeia e mundial. Sabemos que as conjunturas internacionais em Portugal valem muito.

Por termos uma economia muito aberta?

A economia é muito aberta, mas temos, atualmente, uma dependência mais diversificada no que diz respeito aos mercados externos. Esse aspeto é positivo, tendo em conta que as exportações continuam a contribuir muito para aquilo que é hoje a nossa economia. Aliás, vê-se que basta um pequeno abrandamento das exportações para que ocorra um impacto imediato na economia do país.

Portugal está hoje mais bem preparado para responder a uma mudança de ciclo?

Portugal está hoje mais bem preparado do que estávamos há uns anos, se vier a um período menos bom a nível da conjuntura internacional. ■



Penso que estamos hoje mais bem preparados [...], se vier aí um período menos bom a nível da conjuntura internacional.

CLIPPING MIRANDA			
MEIO	Jornal de Negócios		
Nº PAG.	3	DATA	14 de março de 2019

MIRANDA
Miranda & Associados Sociedade de Advogados, SP, RL

DIOGO XAVIER DA CUNHA PRESIDNETE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA MIRANDA

“Crescimento no País também está ligado a estratégia externa”

“A nossa estratégia visa tornar-nos, cada vez mais, um escritório de referência também em Portugal”, diz Diogo Xavier da Cunha, líder da firma portuguesa com pendor mais internacional.

JOÃO MALTEZ
jmaltez@negocios.pt

Foi nos mercados internacionais que a Miranda & Associados começou por se destacar. A sociedade de advogados fez, recentemente várias contratações para reforçar o trabalho no mercado português, explica o seu presidente, Diogo Xavier da Cunha.

A Miranda continua a ser conhecida pela forte componente internacional da sua atividade. O que vos levou ao forte reforço, recentemente, da equipa? Quem tem mais peso em Portugal? Não renunciamos aquilo que é o passado da firma. Olhamo-lo como o nosso presente e como o nosso futuro. Portugal encaixa-se de forma clara nessa estratégia.

Em que medida?
Temos uma base nacional, somos advogados portugueses e, como tal, sentimo-nos perfeitamente capacitados para fazer em casa o que fazemos lá fora. A nossa lógica de crescimento em Portugal, do ponto de vista estratégico, está intimamente ligada com as nossas ambições nacionais, mas também externas.

Os reforços que foram buscar resultam apenas dessa estratégia de crescimento ou são também uma necessidade face ao que vos é agora pedido pelos clientes?
Talvez haja aí um misto das duas coisas. Por exemplo, a contratação do João Rosado Correia, já no ano passado, foi muito mais alinhada na estratégia internacional, de captação de alguém com um conhecimento muito forte nas áreas da energia, desde logo das renováveis, um setor com potencial bastante acentuado em vários países africanos.



Marilene Alves



Não deixamos de privilegiar a progressão das pessoas que confiam nesta casa e que aqui têm desenvolvido a sua atividade profissional.

E qual foi o propósito do reforço da equipa no Porto?

Juntaamo-nos com a sociedade RPC, num primeiro momento com os sócios João Coelho de Pinho e Susana Rios de Oliveira. Já tínhamos uma relação relativamente próxima e optámos por uma integração com a nossa estrutura do Porto, liderada por Tiago Amorim.

O que é que se altera com esta integração?

Com esta junção, conseguimos cobrir de forma significativa todo o espectro de serviços jurídicos que as empresas em geral necessitam. Como seguimos uma estratégia que visa tornar-nos, cada vez mais, um escritório de referência também em Portugal, não só lá fora, faz todo o sentido ter uma presença mais forte na região norte do País.

Foram ainda buscar um conhecido advogado, Pedro Melo, da área de Direito Público e Administrativo. Com que propósito?

É um advogado de referência que entra na Miranda numa lógica alinhada com a nossa estratégia. O

Pedro vem reforçar o trabalho que fazemos em Portugal. É um advogado muitíssimo conhecido e com provas dadas no mercado nacional, mas além disso traz conhecimento que pode ser utilizado nos nossos projetos lá fora.

Podemos falar de uma recomposição da equipa, tendo em conta anteriores saídas de sócios?

Já não estamos nessa fase. Estamos numa fase de pensar no futuro e de assegurar um crescimento do nosso projeto com os pés assentes no chão. Não estamos propriamente a repor o que quer que seja.

Até onde querem ir em termos de crescimento?

Esta é uma estratégia que tem que fazer sentido face àquilo que são as nossas necessidades em concreto. Ao mesmo tempo, não deixamos de apostar nos colegas que cá estão e que têm construído uma carreira connosco. O ano passado promovemos três advogados a sócios. Este ano é provável que façamos mais promoções. Portanto, obviamente que olhamos para as oportunidades que nos sur-

gem por via destas contratações laterais, mas não deixamos de privilegiar, de forma marcada, a progressão das pessoas que confiam nesta casa e que aqui têm desenvolvido a sua atividade profissional.

Que significado atribui ao ‘auto-afastamento’ da atividade diária, após completar 70 anos, do sócio fundador Agostinho Pereira de Miranda?

O Agostinho continua connosco todos os dias. Está mais afastado de funções de gestão da firma, já desde há três anos. Mas é o presidente da assembleia-geral e continua a presidir a todas as reuniões de sócios. É uma voz que todos nós respeitamos, admiramos e entendemos que tem ainda muito para nos dar.

Certo, mas há algum simbolismo neste afastamento...

É a ordem natural das coisas. Não é para ninguém nenhuma surpresa, nem nenhum drama. Certamente que quando precisarmos dele ele estará aqui para nos dar a mão e para nos ajudar no que quer que seja. ■